
A FORMAÇÃO DE DIVERSOS TIPOS DE PADRES CATÓLICOS NA INSTITUIÇÃO SEMINÁRIO

Silvio José Benelli

Resumo: neste artigo buscamos apresentar uma certa tipologia relativa aos padres presentes no cenário eclesial brasileiro atual. Resenhamos algumas contribuições de Antoniazzi e de Valle, bem como de Cozzens e de Comblin relativas ao tema. A principal agência de formação do clero é a instituição seminário e nossa hipótese é que ela é fortemente condicionadora dos padres que são egressos do processo formativo ali desenvolvido. Por isso estudamos alguns dos efeitos psicossociais da longa permanência no seminário na constituição da cultura clerical e do clericalismo nos seminaristas e no clero.

Palavras-chave: psicologia social, paradigmas eclesiais, formação do clero

TIPOS DE PADRES PRESENTES NO CENÁRIO ECLESIAL BRASILEIRO ATUAL

Como os sacerdotes católicos estão sendo formados atualmente? Como seria o modo de funcionamento das agências de formação (seminários) que dão origem a diversos modelos de padres? Qual seria a incidência do processo formativo desenvolvido no seminário na construção do perfil e da prática do futuro presbítero? Quais as modalidades possíveis de exercício do ministério sacerdotal no atual cenário eclesial católico brasileiro? Quais tipos de padres podem ser encontrados na atualidade? Essas são as questões que pretendemos discutir neste trabalho.

Antoniazzi (2003) e Valle (2004c) indicam que há diversos modos de viver o presbiterato no momento presente e procura sugerir uma tipologia para o clero brasileiro:

- o padre pastor, caracterizado pelo ativismo pastoral: “É alguém que se dedica com muita energia ao serviço da(s) comunidade(s), que geralmente assume uma multiplicidade de tarefas e, em conseqüência da sobrecarga, vive muitas vezes uma situação de “estresse” (ANTONIAZZI, 2003, p. 123). O padre se vê pressionado a assumir uma multiplicidade de tarefas: atividades sociais, atendimento de pessoas, numerosas celebrações rotineiras dos sacramentos. O cansaço e o estresse dificultam o exercício adequado do ministério, mas o clero tem dificuldade em delegar e repartir tarefas com leigos qualificados.
- O padre *'light'*, que estabeleceria uma divisão clara entre seu ministério e sua vida particular, “[...] é o padre comum, ‘bom padre’ que devido às circunstâncias tensas e aos desafios da cultura urbana entra em *stress* espiritual, pastoral e psíquico” (ANTONIAZZI, 2003, p. 123-4). Ele é um padre que ama a Igreja e serve o povo, cultiva a espiritualidade e a oração, dedica-se à pastoral, aos pobres, estuda, tem fé. No entanto, paradoxalmente, é um homem perplexo, dividido entre o medo e a coragem de assumir integralmente a consagração sacerdotal com radicalidade. Sente a tentação de retrair-se, de se preservar, mantendo abstrata a adesão aos valores estruturantes de sua vida. Não se decide a construí-los concretamente no seu cotidiano, mas eles permanecem como objeto de seu desejo e preocupação. Não termina de deslanchar em direção à plenitude do ministério e se contenta em permanecer na média comportamental correta da classe média urbana¹.
- O padre “midiático-carismático” ou *pop-star*: “[...] um novo tipo de padre que adota novas formas – dir-se-ia ‘carismáticas’ – de anunciar Cristo e que, para isso, ocupa os ‘aréopagos’ modernos da mídia. Será que atualmente não estaria surgindo o gênero do ‘evangelista moderno?’” (ANTONIAZZI, 2003, p. 124). A imagem pública desses padres pode torná-los atraentes para seminaristas, que procurarão imitá-los e para a comunidade que, encantada pelo culto televisivo de alta intensidade emocional também passa a cobrar dos formandos tais comportamentos. Trata-se de uma característica cultural contemporânea centrada numa tendência emocional e espetacularizante que penetra no contexto eclesial católico e permite que presbíteros substituam a tradicional apresentação do sagrado como separado e hierático pela inovadora afirmação de um sagrado estético, emocional e terapêutico.
- O padre tradicionalista, que se inspira no modelo presbiteral do período anterior ao Concílio Vaticano II, recuperando as formas exteriores do ministério. Ele “[...] expressaria a busca de formas seguras, certas,

no meio de um fervilhar de propostas e modelos mutáveis e volúveis” (ANTONIAZZI, 2003, p. 124). Os indivíduos que se identificam com essa categoria parecem sujeitos frágeis, necessitados de certezas, que por isso copiam modelos sacerdotais que se contrapõem às atuais novidades. Gostam da batina e dos símbolos tradicionais distintivos do clero.

- O padre especialista, centrado em sua competência profissional. Num mundo de especialistas, há presbíteros desejando se tornar especialistas em determinado campo pastoral, buscando um trabalho significativo que realize suas qualidades e aptidões pessoais. A tendência à valorização da dimensão pessoal e subjetiva do indivíduo e a valorização das qualidades pessoais e a importância da realização pessoal são todos elementos da cultura contemporânea que incidem também no modo de viver dos presbíteros.

Não é possível deixar de observar que aparentemente o seminário ofereceria uma formação básica e bastante padronizada. O presbítero, depois de ordenado parece ter muito mais liberdade e possibilidades de construir um percurso sacerdotal próprio, nem sempre consciente dos diversos condicionamentos sócio-históricos e eclesiais ambientais (MONTES, 1998; CNBB, 2004). Certamente as transformações sócio-culturais contemporâneas também exercem influência na vivência do ministério presbiteral, como explicita Antoniazzi (2003). Contudo, pensamos que há uma tendência fundamental, cultivada na instituição de formação, que atravessaria inclusive os diversos tipos de presbíteros mapeados.

EFEITOS DO SEMINÁRIO NA FORMAÇÃO DO PRESBÍTERO

Depois de estudarmos alguns dos perfis dos presbíteros católicos e os modelos eclesiológicos com os quais estariam alinhados, de apresentarmos alguns tipos de padres que podem ser encontrados no cenário eclesial brasileiro, nos perguntamos: quais seriam os efeitos do estabelecimento seminário na formação do presbítero?

Supomos que a instituição seminário católico, agência privilegiada de formação do clero, é altamente sensível às configurações eclesiológicas divergentes e contraditórias do cenário eclesial global (BENELLI, 2006a; 2006b). A Igreja tridentina tinha um seminário alinhado com esse mesmo paradigma, implementando um processo de clericalização do seminarista:

A disciplina do seminário pré-conciliar rivalizava com a de um mosteiro rígido e, com frequência, aproximava-se da disciplina de uma academia

militar. Embora incentivasse certa resistência moral, certa firmeza espiritual, ela não era particularmente bem-sucedida em formar homens emocionalmente maduros. Os líderes da Igreja daquele período pareciam supor que a vida em comum no seminário e as exigências de uma formação acadêmica bastante rigorosa promovessem tanto a maturidade espiritual como a emocional. O pensamento crítico e as perguntas de questionamento raramente eram encorajados, enquanto virtudes como docilidade e deferência, associadas a uma piedade alegre, entusiasmada, porém passiva, eram afirmadas e recompensadas (COZZENS, 2001, p. 101).

Cozzens (2001; 2004) é sacerdote norte-americano e formador com longa experiência. Suas observações não nos parecem longe da realidade brasileira revelada tanto pelos fatos quanto pela literatura. Não é difícil perceber nas entrelinhas, as dimensões totalitárias (GOFFMAN, 1987) e disciplinares (FOUCAULT, 1999) na análise de Cozzens. O seminário tinha como função produzir um padre clericalizado, fruto de um funcionamento praticamente automático do dispositivo institucional, caracterizando uma instituição formadora que mais opera pela forma e por suas práticas disciplinares do que pelo conteúdo acadêmico, seja ele filosófico, teológico ou espiritual.

Cozzens (2001) afirma que o seminário pós-conciliar modificou significativamente sua maneira de entender as dinâmicas que promovem um desenvolvimento humano maduro autêntico. Contudo, nos parece que essa compreensão significa um aumento de psicologização no processo formativo desenvolvido no seminário. Essa instituição não chegou a ser modificada em suas estruturas fundamentais, entre outras coisas, porque a Igreja não conseguiu abrir mão do paradigma tridentino, apesar das inovações implementadas na vida eclesial. As realidades concretas da vida social não incidem ainda na formação e o seminário tende a permanecer clericalizante, formando seminaristas e padres como uma casta distinta e superior aos demais católicos:

As realidades moderadoras do casamento, da paternidade e das prestações da casa que com frequência sacodem um homem emocionalmente adolescente e o acordam para a vida adulta permanecem, com crescentes exceções, fora da experiência do seminarista e do sacerdote. Além disso, os promotores sociais comuns da maturidade e do sucesso – um salário profissional, uma residência – simplesmente não fazem parte do mundo do sacerdote. Em lugar disso, ele desfruta de uma segurança sem igual

no trabalho e de um salário menor que o de um zelador. Casa e comida, claro, são fornecidos pela paróquia. Embora a maioria dos sacerdotes atuais leve uma vida bastante confortável, com muitas das mesmas comodidades de seus paroquianos abastados, é a Igreja que “cuida” deles. Certa libertação da ansiedade financeira decorre dessa situação e a maioria dos sacerdotes, acredito, aprecia o fato de não ter que se preocupar com dinheiro. Mas as implicações psicológicas de “ser sustentado” depois dos 30 anos são muitas vezes negligenciadas. De acordo com Robert Hovda, “o clero e outros servidores profissionais da Igreja são mantidos num estado de escravidão econômica e dependência de benefícios acessórios, adulação e sonegação tributária que desestimula a própria liberdade, a independência e a maturidade que finalmente começamos a desejar em nossos ministros religiosos (COZZENS, 2001, p. 101).

Dessa forma, podemos considerar os membros do clero como “prisioneiros do privilégio”. Eles são modelados para viver uma “cultura clerical” desde o seminário. Permanecendo fiel e leal à instituição Igreja o padre se sente amparado e protegido pela segurança que ela lhe oferece, provendo sua subsistência e cuidando dele. O estilo de vida clerical oferece sem dúvida conforto e benefícios privilegiados. Diz-se nos ambientes eclesiais que, quando um padre é ordenado, ele recebe as três chaves: da casa paroquial, do carro e da igreja da paróquia e passa a ser praticamente o gerente de uma micro-empresa, dotado imediatamente de prestígio e de poder.

Essas análises de Cozzens (2001) também elucidam o fato de que a formatura como licenciado em Filosofia ou outra titulação qualquer são irrelevantes no seminário teológico. Um profissional que cursa a faculdade de teologia ainda não é membro do clero, portanto, sua formação e titulação – indicadores sociais comuns de maturidade e responsabilidade para um jovem adulto, são desconsideradas no contexto institucional do seminário.

Podemos observar ainda que os anos de formação em regime de internato têm como efeito a exclusão do jovem candidato ao sacerdócio da participação efetiva na vida civil corrente: formação profissional, emprego, salário e constituição de família. Ele fica isento do enfrentamento das dificuldades cotidianas do cidadão comum. Não é estranho que ele perca a noção do valor do dinheiro, ignore o custo de vida, o valor das coisas, o poder aquisitivo salarial: ele já não sabe há muito tempo o que é viver com um salário. Isso tudo o distancia da vida do povo que deverá liderar mais tarde, alienando-o de aspectos sócio-políticos importantes do mundo contemporâneo.

Haveria um “sistema clerical” que manteria os padres numa espécie de refenato, um sistema paternalista constituído por salário, moradia e privilégios que mantêm a dependência e a inércia dos presbíteros. Nesse sentido, Raymond Hedin (*apud* COZZENS, 2001, p. 37):

O sacerdote é com muita frequência dominado por um longo período de tempo, de forma que é levado a acreditar que o que quer que a autoridade diga é a voz de Deus. Conseqüentemente, quando por fim alcança a autoridade, torna-se ele próprio muito dominador e intransigente. Sua vida foi carregada de tantas frustrações por tantos anos que agora é mais do que hora de fazer as coisas do seu jeito, porque esta é sua última chance.

De fato, constatamos que o longo período de formação implica dominação e frustrações duráveis, acompanhadas da contrapartida institucional constituída por pequenos privilégios: casa, comida e formação acadêmica lhe são oferecidas sem que ele tenha que trabalhar para obtê-las. Mas o seminarista deve renunciar também à sua liberdade e autonomia, aceitando uma adolescência tutelada e excessivamente longa. Como ele “deu tudo o que tinha”: sua liberdade, seu tempo, vontade, juventude, seu corpo e seu sexo, bem que tem o direito de receber tudo de graça da Igreja. Assim, lentamente, vai se instilando em sua mente o estilo clerical da boa vida eclesiástica, marcada por um *status* social automático e por uma série de privilégios acessórios, além do poder do mando.

Sabemos que o clero exerceu o poder supremo na sociedade de cristandade e ocupava o primeiro lugar na hierarquia social, sendo que todas as demais autoridades eram submissas ao clero. Essa herança histórica ainda marca profundamente o clero, desde seu processo formativo:

A primeira coisa que um jovem aprende inconscientemente no dia em que entra no seminário é que ele se torna poder. A doutrina procurará ensinar-lhe que esse poder é o poder de Jesus Cristo, mas isso é teoria, palavra, enquanto que a autoridade entra pela pele no corpo de quem está aí. Morei uns 10 anos num seminário como aluno e 10 anos como professor. Senti na própria carne esse fenômeno. É algo inconsciente e a maioria não percebe. Quem presta bem atenção não pode não perceber. O diretor espiritual está encarregado de fornecer uma forte dose de argumentos espirituais: o espírito de serviço, a disponibilidade, o amor aos leigos e aos pobres, a imitação de Jesus e o exemplo de tantos Santos. Tudo isso é escutado com

muita atenção pelos alunos, porque é isso que os motiva e aumenta sua auto-estima. Mas tudo isso é fenômeno de consciência. Uma vez que se entra na prática, tudo é diferente. O que está sempre aí é o fantasma do poder. [...] O poder do clero não se exerce como outros poderes. Não é brutal como o militar. Não é insensível como o poder da burocracia. É um poder de sedução, de pressão, de sugestão; um poder que se exerce mais pela presença, por sinais discretos, acompanhados de boas palavras encorajadoras (COMBLIN, 2005, p. 852-3).

A CULTURA CLERICAL E O CLERICALISMO

Parece que a função mais importante do seminário é inserir gradualmente o candidato ao sacerdócio naquilo que Cozzens (2004) denomina de “cultura clerical”. Trata-se de um ambiente específico constituído pelo mundo eclesiástico que tem suas diferenças com a vida civil comum. Essa cultura clerical medieval se constitui numa sociedade masculina fechada, caracterizada por privilégios, imunidade e deferência.

O sacerdote ordenado sacrifica vida sexual ativa, esposa, filhos, carreira profissional, mas desfruta de uma dignidade e *status* privilegiado, como estamos descrevendo. Ele pode se sentir inebriado pelo fato de poder “produzir” a Eucaristia, convertendo pão e vinho no corpo e sangue de Jesus, além de perdoar os pecados dos fiéis. A celebração dos sacramentos e o atendimento pastoral da comunidade podem ser atividades significativas e realizadoras.

O novo padre passa a fazer parte de uma fraternidade presbiteral de elite, membro importante da Igreja, dotado da missão de trabalhar pela salvação das pessoas. Ocupando o papel central na vida cotidiana do povo, o padre recebe os sinais de deferência e reverência incondicionais da comunidade. Tendo todas as suas despesas pessoais pagas pela paróquia, além do seu salário, o padre ainda recebe muitas “cortesias profissionais” de médicos, dentistas, restaurantes, freqüentes convites para festas e jantares, tudo isso claramente vai elevá-lo ao nível da classe média local.

Mas essa cultura clerical tem um lado negativo. Os jovens que buscam o sacerdócio também podem estar buscando separar-se dos leigos, elevar-se acima do laicato através do poder sacerdotal. A educação teológica que recebem no seminário tem grandes possibilidades de ser produtora do clericalismo:

O fato de que tal cultura tendia a manter os sacerdotes emocionalmente imaturos e excessivamente dependentes da aprovação de seus superiores

e paroquianos não havia sido compreendido. Um trabalho importante, certo status social, acomodações confortáveis, tudo isso contribuía para uma genuína sensação de satisfação para a maioria dos padres. A atitude paternalista de alguns paroquianos, porém, sinalizava para a posição um tanto “menos-que-adulta” em que os padres assistentes recém-ordenados eram vistos. Por um lado, não havia hipoteca da casa para pagar, casamento para manter, filhos com que se preocupar e falta de segurança no emprego. [...] essas isenções de responsabilidades não promovia, necessariamente, o crescimento emocional. [...] os padres podem facilmente deslizar para um certo estado de absorção em si mesmos. [...] há, sem dúvida, padres responsáveis, integrados, emocionalmente maduros e espiritualmente equilibrados em número grande demais para se contar. Ainda assim, há evidências de que o mundo amorfo e privilegiado em que muitos sacerdotes viviam então, e em que alguns vivem até hoje, é problemático para a saúde espiritual deles, para a segurança de nossos jovens e também para a própria missão pastoral da Igreja (COZZENS, 2004, p. 137-8).

A fraternidade sacerdotal é importante para uma vida equilibrada para os clérigos (CNBB, 2004, p. 17-21). Mas suas tendências elitistas, aristocráticas e clericalistas são problemáticas: a exibição de títulos eclesiais e da última moda em vestimentas clericais, o enfatizar sem reservas da distinção entre eles e os leigos, as conversas sobre objetos litúrgicos empregados nas celebrações durante reuniões fechadas entre padres e seminaristas, promovem uma autêntica cultura sacerdotal (COZZENS, 2004). Essas posturas de exclusão elitista parecem contrárias a uma vida espiritual enraizada no evangelho e na solidariedade batismal com os demais cristãos da comunidade. Afinal, o que confere a autêntica cidadania na Igreja: o batismo ou a ordenação sacerdotal? Teoricamente, sabemos que é o batismo, mas a prática eclesial demonstra que é o contrário. Adultos na Igreja seriam apenas os clérigos (COMBLIN, 2002). Quanto menos clericalizada e mais humana for a fraternidade sacerdotal, tanto mais saudável:

Um dos problemas de viver num mundo clerical não muito saudável é a negação implícita nesse mundo. Ela com frequência não é expressa, mas de qualquer forma está presente e cria uma distância desnecessária entre padres e paroquianos. O que é pior, ela inibe o tipo de relação social necessário para um trabalho pastoral e uma pregação efetivos. O refrão implícito é mais ou menos assim: “Eu não sou como o resto dos homens”.

Ou, quando reunido com outros sacerdotes de mesma mentalidade: “Nós não somos como o resto dos homens”. Tudo isso, claro, pela graça de Deus. Tais pressupostos, que levam facilmente a uma atitude de ter direitos acima dos outros e a uma sensação exagerada de ser especial, deixam o padre sujeito a todo tipo de quedas (COZZENS, 2004, p. 141).

A cultura clerical constitui-se no mundo em que o clero vive e trabalha, é o ambiente no qual eles contracenam. Ela se configura como um espaço específico, com sua linguagem “tribal” cheia de jargões típicos, com atitudes, comportamentos e rituais eclesiais. Segundo Cozzens (2004, p. 141) ela é “mais ambígua do que disfuncional”, possuindo aspectos positivos e negativos. O realmente problemático seria o clericalismo, que está ligado por suas raízes na cultura clerical, mas seria distinto dela:

O clericalismo envolve a preocupação consciente ou inconsciente de promover os interesses particulares do clero e de proteger os privilégios e o poder que foram tradicionalmente concedidos àqueles que desfrutam do estado clerical. Há dimensões atitudinais, comportamentais e institucionais do fenômeno do clericalismo. O clericalismo deriva da dinâmica tanto pessoal como social e é expresso em várias formas culturais e, com frequência, reforçado por estruturas institucionais. Entre suas principais manifestações estão um estilo autoritário de liderança ministerial, uma visão de mundo rigidamente hierárquica e uma identificação virtual da santidade e graça da Igreja com o estado clerical e, portanto, com o próprio clérigo. Como tal, o clericalismo é particularmente evidente no clero ordenado, embora não pertença exclusivamente a ele (COZZENS, 2004, p. 141-2).

O comportamento exclusivista, elitista e dominador pode ser adotado por qualquer pessoa ou grupo da Igreja, apoiando-se numa reivindicação de reconhecimento religioso ou autoridade eclesial especiais, baseados no seu *status* eclesial. Bispos, padres, diáconos e seminaristas podem ser atacados pela “mosca azul” do clericalismo, vivendo exclusivamente num ambiente fechado de cultura clerical. “Os títulos trazidos de tempos feudais e palacianos há muito passados tendem a ofuscar nossa identidade comum, fundamental no Corpo de Cristo. Eles são marcas do clericalismo” (COZZENS, 2004, p. 145).

Como o episcopado é o grau máximo e a plenitude do sacramento da ordem, é típico que muitos seminaristas e padres ambicionem serem chamados para esse ministério na Igreja:

No mundo clerical, que ainda é fundamentalmente um mundo feudal, um padre precisa chamar a atenção do seu bispo, se quiser descobrir o significado de 'promoção'. E, como a ambição, assim como o sexo, é considerada imprópria nos círculos eclesiais, suas aspirações urgentes devem ser cuidadosamente escondidas e disfarçadas. [...] Nessa atmosfera, o sacerdote ambicioso é agudamente sensível ao efeito que uma palavra imprudente poderia ter sobre sua carreira eclesial. O que seus superiores poderiam pensar é com frequência o fator decisivo que molda seu discurso e seu comportamento. Um padre nessa situação submete sua vida intelectual e deixa de pensar teologicamente ou pastoralmente com qualquer tipo de criatividade ou imaginação. Suas principais virtudes tornam-se uma obediência irrefletida e uma ortodoxia rígida, e seu comportamento é sempre aquele do clérigo respeitável (COZZENS, 2004, p. 146).

A ambição clerical de fazer carreira na Igreja, galgando postos elevados na hierarquia eclesial parece um elemento fundamental e estratégico que alimenta e mantém o sistema clerical fechado e cultiva uma cultura elitizante e clericalista. Toda burocracia deseja se perpetuar e como tal, assim também a hierarquia eclesial quer se manter como é, enterrando possibilidades de transformação eclesial.

ANÁLISE CRÍTICA DO FUNCIONAMENTO PAROQUIAL

Como seria o funcionamento da paróquia católica sob o comando do padre formado e clericalizado pelo seminário? Coincidindo com as análises de Lorscheider (2002) e Antoniazzi (2003), Comblin (1998) também estabelece um juízo severo e crítico quanto ao ministério presbiteral tradicional que desfruta de jurisdição universal no ambiente paroquial:

A paróquia infantiliza os paroquianos, sobretudo aqueles que mais colaboram com ela. Pois na paróquia tudo vem de cima para baixo. O vigário é na paróquia mais infalível do que o Papa em Roma. Tem jurisdição universal, o que quer dizer que toma todas as decisões sozinho. Cria ao redor de si uma corte de pessoas infantilizadas que concordam com tudo o que manda o vigário, mas que o isolam do conjunto dos paroquianos e, mais ainda, do mundo exterior. Dessa maneira a paróquia torna-se alheia à evolução da sociedade e constitui um pequeno mundo, uma ilha no meio da cidade. Cria uma subcultura totalmente sob o controle do pároco. Este acha-se enviado diretamente por Deus

para governar o rebanho. É servidor, mas serve governando. Há exceções, porém o esquema funciona, mesmo nos melhores casos. Esse sistema é o responsável pela falta de amadurecimento humano dos paroquianos, pela fraqueza da fé e da espiritualidade da maioria dos leigos que se sentem tranqüilos na sua passividade. Daí a revelação e o sentimento de liberdade de quem entra numa igreja pentecostal ou num movimento carismático. Na paróquia não aprenderam a liberdade, não fizeram a experiência pessoal de Jesus. Alimentaram a religiosidade de sua infância e mais nada. Os melhores párocos procuram salvar a situação introduzindo outros elementos na sua paróquia, mas não alcançam a mudança radical. Quando os leigos se desenvolvem, acabam deixando a paróquia porque não se sentem à vontade. A paróquia está organizada em torno dos sacramentos. A catequese é preparação aos sacramentos, a vida cristã é passagem de um sacramento para outro. Os ritmos da vida paroquial são os ritmos dos sacramentos. Porém essa prioridade dada aos sacramentos leva inevitavelmente à rotina e ao formalismo. A prioridade dos sacramentos na vida diária da igreja faz dos sacerdotes essencialmente administradores de sacramentos, correm de um lado para outro para dar sacramentos. O eixo da pastoral são sacramentos e não a evangelização. Esta encontra-se incluída nos sacramentos. Porém a preparação aos sacramentos nunca é o lugar adequado para evangelizar. A própria catequese transforma-se num formalismo sem consequência. Inúmeros são os sacerdotes que lamentam essa situação, mas não podem mudar nada: são prisioneiros da estrutura. Têm que conformar-se e rebaixar as suas aspirações ao nível daquilo que o sistema permite (COMBLIN, 1998, p. 152-3).

O poder do clero está fundado em primeiro lugar nos sacramentos que ele administra para a comunidade. É como se os sacramentos agissem “ex opere operato”, como se fossem eficazes em si e por si mesmos, independentemente de qualquer outra variável sócio-histórica. Sem os sacramentos, poder-se-ia dizer que não há salvação e somente o padre pode produzir esses meios de salvação. O saber, o conhecimento bíblico-teológico é o segundo baluarte do poder clerical, sabe o que é preciso crer, conhece as regras morais, está familiarizado com as normas do direito canônico. Tudo isso os leigos ignoram e precisam aprender com ele:

Claro está que nenhum sacerdote vai reconhecer o seu comportamento nesse retrato. No entanto, o esquema está no seu inconsciente. Alguns chegam a ter consciência e procuram salvar-se dessa formação. Eu mesmo confesso

que não consegui completamente e não perdi esse inconsciente inculcado pelos muros dos seminários. Ainda atuo como a pessoa que sabe e que pode ensinar aos outros (COMBLIN, 2005, p. 853).

Haveria um intenso processo de burocratização invadindo a instituição diocesana, segundo Comblin (1998, p. 153-4):

Em nível diocesano o que se observa é uma burocratização crescente. Multiplicam-se os organismos, as reuniões, a papelada. A idade dos computadores chegou na hora para dar um novo pulo à burocratização. Muitas atividades supostamente evangelizadoras constam e essencialmente de reuniões de planejamento e de reuniões de avaliação. Há sacerdotes e agentes de pastoral que vão de uma reunião para outras. O número de “pastorais” vai crescendo sem cessar e sempre são as mesmas pessoas que estão presentes em todas as reuniões. O número de documentos eclesiais é tal que nenhuma pessoa é capaz de ler tudo. Nenhum bispo pode ler tudo o que vem de Roma. Nem um sacerdote é capaz de ler tudo o que vem da diocese e naturalmente nenhum leigo se inteira de tudo o que foi publicado e que quase ninguém leu. Então para que publicar tanto? Para repetir tantas vezes o mesmo discurso? Seria a doença da burocracia que leva a fazer de conta que as palavras são ações e transformam as realidades? O que acontece com essa inflação de papel impresso é que cada um age por conta própria como se esses documentos não existissem..

O problema para Comblin (2005, p. 834) estaria na ausência de uma mística centrada na pessoa de Jesus:

Para os católicos, a Igreja, ou seja, a instituição-Igreja, é sempre a primeira e envolve tudo. Os católicos conhecem Jesus, mas por intermédio da Igreja, por intermédio das celebrações, liturgias, catequeses da Igreja. Nunca diretamente, com a impressão de contato direto, como de uma amizade pessoal. Sabe-se que é amigo porque o catecismo diz que ele é. Jesus é objeto do ensino da Igreja. Jesus é objeto de catequese, de explicação. Não é pessoa viva com a qual se pratica uma convivência permanente. Não há experiência mística. Na comunidade não se aprendia essa mística de Jesus que os crentes descobrem tão rapidamente.

Os tempos atuais estão exigindo que se passe de um eclesiocentrismo burocrático e administrativo para uma mística de Jesus. A evangelização

do mundo e da própria Igreja precisa de um novo ministério efetivamente missionário que pudesse encarnar essa mística e transmiti-la ao povo (COMBLIN, 2005).

A grande diferença entre o clero e os missionários é que o discurso do clero é discurso sobre a Igreja, e o discurso dos missionários é um discurso sobre Jesus Cristo. O discurso do clero é administrativo e o discurso do missionário é místico. A preocupação do clero é a Igreja, a preocupação do missionário é Jesus. Um discurso sobre a Igreja somente convence os que já estão convencidos e não interessa aos outros. A Igreja pode impressionar pelo seu poder, mas não interessa. Somente Jesus interessa (COMBLIN, 2005, p. 843).

Assim, o anúncio do Evangelho precisa de um novo projeto que torne o reino de Deus mais concreto e próximo, deve estar relacionado com a vida humana de uma determinada época histórica, para que possa interessar e atrair:

O fato é que estamos sem projeto. Este é o desafio mais urgente. O Vaticano II não ofereceu um verdadeiro projeto. A Gaudium et Spes não é um projeto. É uma adaptação, uma tentativa de adaptar os católicos aos desafios da sociedade contemporânea, sem cortar com o projeto anterior. Na América Latina, em Medellín, havia um projeto, um começo de projeto. Ele foi condenado e rejeitado, finalmente abandonado. Permanece na teimosia dos velhos e nas pequenas minorias abraâmicas, como dizia Dom Helder. Foi uma pena. Na realidade foi um desastre. Na América Latina predomina a confiança na reconstrução de uma cristandade, pelo menos de forma implícita, porque não há mais projeto. A pastoral consiste em continuar, continuar, prolongar. Tudo isso será em vão. Muitos falam em espiritualidade. O nosso século está buscando uma nova espiritualidade, dizem muitos. É isso mesmo, mas a palavra projeto exprime melhor a necessidade atual. Espiritualidade evoca uma vida mental, interior, vivida dentro do recinto da Igreja, um conjunto de idéias, sentimentos, atitudes, gestos religiosos, uma certa organização do religioso. Não basta. É preciso agir, e, para isso, ter um projeto. A espiritualidade está dentro do projeto (COMBLIN, 2005, p. 845).

Esse novo projeto não passa pela reconstrução da cristandade, num retorno saudosista para um passado impossível. “É preciso abandonar este

sonho que ainda está presente sobretudo no clero e em muitos leigos que acreditam no poder do clero para realizar uma obra impossível e obsoleta” (COMBLIN, 2005, p. 848). O novo projeto exige um claro posicionamento diante do capitalismo mundial integrado que, no seu limite, é genocida. Uma Igreja que queira ter relevância evangélica e histórica não pode abandonar a causa dos pobres:

Tudo isso é sonho. Desde o século XIV o sistema católico esforçou-se para impedir os sonhos e impor uma estrutura imutável. A maioria dos batizados já não aceita essa estrutura e os que estão fora não se sentem em nada atraídos por ela. Diante disso, nós continuamos tranqüilamente tratando do imediato. Olhamos as coisas de hoje e não levantamos os olhos para o futuro. Não olhamos a longo prazo. Não nos interessam as sementes do futuro. Estamos absorvidos pelas coisas que estão muito perto de nós. Que os jovens olhem para frente. Não se sintam obrigados a manter um passado imóvel. Procurem os caminhos novos que o Espírito mostra (COMBLIN, 2005, p. 857).

CONCLUSÃO

Pensamos que a coerência entre a dimensão mística e política é importante, tanto na instituição eclesial quanto no seminário que ela implementa e nos presbíteros que forma. Parafraseando o apóstolo Paulo, podemos dizer que assim como a “caridade é a plenitude da lei”, pensamos que a democracia seria a plenitude da prática política na sociedade contemporânea. Entendemos também que a democracia é a propedêutica necessária para um governo baseado na caridade. Um projeto pedagógico de formação sacerdotal pode revelar as contradições entre perspectivas diversas quanto aos planos místicos e políticos, que supomos serem as mesmas contradições da conjuntura e estrutura da instituição eclesial como um todo (COMBLIN, 2002).

A formação do clero católico parece ser uma questão nas discussões relativas aos problemas e impasses que a Igreja católica atravessa em nossa época. O que estamos questionando é o modelo que está embutido no processo formativo eclesial e que é transmitido aos alunos candidatos ao sacerdócio. Entendemos que se trata de um modelo fortemente clerical. De acordo com o Direito Canônico, o clero é o único que está em posição de maioria eclesial e os leigos estão sob sua tutela. Comblin (2006, p. 579-80) afirma que:

Os futuros sacerdotes são preparados para administrar paróquias, não para evangelizar o mundo. A formação intelectual prepara o futuro sacerdote para lembrar e explicar a doutrina aos paroquianos, não para ser testemunha do Evangelho no meio do mundo. A formação prática orienta-o para as celebrações litúrgicas. Frequentemente a paróquia tem vários movimentos ou pastorais sobre os quais ele exerce uma autoridade total, ainda que não tenha recebido nenhuma formação para isso. Há uma certa proporção de sacerdotes que têm personalidade suficiente para superar os limites de sua formação, mas não se pode esperar que um grande número tenha essa capacidade. O clero não tem capacidade ou disponibilidade, nem preparação pessoal para evangelizar. Fica esperando que os fiéis cheguem, mas não vai ao encontro do mundo. Não está mental, psicológica nem intelectualmente preparado para dialogar em pé de igualdade com os homens e as mulheres que estão inseridos no mundo atual.

Pensamos que não há dificuldade em haver ministros ordenados na Igreja católica; a questão se refere ao padre clericalizado, que seria um tipo hegemônico e específico de padre. A vida no seminário tende a alinhar os seminaristas com uma cultura burguesa e uma espiritualidade predominantemente monástica os ensina a viver como homens separados, sagrados e reservados para o culto litúrgico. Imerso numa cultura clerical durante um longo período de formação, a tendência é a de que os seminaristas se tornem padres clericalizados, embora alguns possam resistir a isso e fazer outras opções já na vida ministerial.

Muito mais complicado do que resolver um problema, é colocá-lo adequadamente. Formular de modo pertinente um problema, de forma a evitar aqueles que são mal-colocados, secundários ou falsos, é uma tarefa importante quando se pensa na questão da formação do clero católico no mundo contemporâneo. Permanecer no plano intra-institucional atual, no debate relativo aos procedimentos técnicos, sejam eles pedagógicos, psicológicos ou espirituais não parece produtivo (RIZZUTO, 2003; ANTONIAZZI, 2004). Os problemas da formação eclesial devem ser localizados num campo de referências sócio-eclesiais de modo a nos permitir traçar um “diagnóstico do presente” dessa realidade, detectando tanto seus processos históricos e sociais quanto institucionais, macro e micropolíticos.

O processo formativo do ator social que é o padre católico não se reduz a meros procedimentos técnicos, mas ele opera e produz modos de subjetivação, produz sujeitos eticamente posicionados, já eles sejam cons-

cientes ou não da postura que adotam. Explicitar isso pode ser um meio de tomar consciência e ganhar em termos de liberdade de escolha, escapando de um certo determinismo sobrecodificador.

Nota

- 1 O padre *light* descrito nos remete aos resultados na nossa pesquisa de mestrado (BENELLI, 2006a), nos quais detectamos que o modo de funcionamento do seminário filosófico estudado estaria propiciando a emergência de comportamentos predominantemente de tonalidade perversa nos seminaristas. Eles parecem viver um tempo e circunstâncias que devem “a priori” serem varridos da sua história. A formação seria um tempo que se suporta, fundado na certeza de que será esquecido. A própria distância entre o discurso e a prática poderia ensinar aos futuros presbíteros que basta jogar o jogo, parecer ser, mas que não seria necessário levar as coisas tão a sério. Libanio (2005, p. 69-70) também apresenta a figura do “terceiro homem”, nova personagem emergente na Vida Religiosa Consagrada que conhece as normas, não protesta contra elas, mas só as segue segundo seu belo arbítrio.

Referências

- ANTONIAZZI, A. Uma leitura teológico-pastoral. In: VALLE, E. (Org.). *Padre: você é feliz? Uma sondagem psicossocial sobre a realização pessoal dos presbíteros do Brasil*. Brasília: CNBB; CNP; Loyola, 2003. p. 118-142.
- ANTONIAZZI, A. Presbíteros: o desafio da mudança. In: CONFERÊNCIA DOS BISPOS DO BRASIL. *Vida e ministério dos presbíteros: tema central da 42ª assembléia geral da CNBB*. São Paulo: Paulus, 2004. p. 40-83.
- BENELLI, S. J. *Pescadores de homens: estudo psicossocial de um seminário católico*. São Paulo: Edunesp, 2006a.
- BENELLI, S. J. Paradigmas eclesiais e pedagógicos na formação sacerdotal institucional: uma investigação em Psicologia Social. *Revista Eclesiástica Brasileira*, v. 66, n. 264, p. 807-841, 2006b.
- COMBLIN, J. O cristianismo no limiar do terceiro milênio. In: CALIMAN, C. *A sedução do sagrado: o fenômeno religioso na virada do milênio*. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 143-160.
- COMBLIN, J. *O povo de Deus*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2002.
- COMBLIN, J. *Olhando para o horizonte*. *Revista Eclesiástica Brasileira*, v. 65, n. 260, p. 831-857, 2005.

COMBLIN, J. Sinais dos novos tempos – 40 anos depois do Vaticano II. *Revista Eclesiástica Brasileira*, v. 66, n. 263, p. 575-588, 2006.

COZZENS, D. B. (2001) *A face mutante do sacerdócio: reflexão sobre a crise da alma do sacerdote*. Tradução de Bartalitti, C. C. São Paulo: Loyola, 2001.

COZZENS, D. B. *Silêncio sagrado: negação e crise na Igreja*. Tradução de Bartalitti, C. C. São Paulo: Loyola, 2004.

FOUCAULT, M. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Tradução por R. Ramalhe. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

GOFFMAN, E. *Manicômios, prisões e conventos*. Tradução de D. M. Leite. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1987.

LIBANIO, J. B. A Igreja que sonhamos construir. *Revista Eclesiástica Brasileira*, v. 65, n. 260, p. 787-816, 2005.

LORSCHIEDER, A. O perfil espiritual e pastoral do presbítero hoje. *Revista Eclesiástica Brasileira*, v. 62, n. 246, p. 297-306, 2002.

MONTES, M. L. As figuras do sagrado: entre o público e o privado. In: SCHWARTZ, L. M. (Org.). *História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea*. São Paulo: Cia. das Letras, 1998. p. 63-171.

RIZZUTO, A. M. La crisis en la Iglesia en los Estados Unidos. *Documentos de Trabajo*. Córdoba, 2003. Disponível em: <<http://www.uccor.edu.ar/imagenes/documentos/Conferencia-Dra.-Rizzuto.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2005.

VALLE, E. Tipos de padres no Brasil. In: CONFERÊNCIA DOS BISPOS DO BRASIL. *Vida e ministério dos presbíteros: tema central da 42ª assembléia geral da CNBB*. São Paulo: Paulus, 2004. p. 40-49.

Abstract: in this article we try to introduce a certain typology relating to the present priests on the current Brazilian ecclesiastic scenery. We reported some contributions from Antoniazzi and from Valle, just like from Cozzens and from Comblim relating to the theme. The mainly clergy formation agency is the seminary institution and our hypothesis is that it is strongly conditioning the priests who are egresses of that formative process developed there. Because of that we study some of psychosocial effects on a long stay at the seminary on clerical and clericalism culture constitution on seminarists and on the clergy.

Keywords: social psychology, ecclesiastic paradigms, clergy formation

Este artigo é parte da pesquisa de doutorado A Produção da Subjetividade na Formação Contemporânea do Clero Católico desenvolvida por Sílvio José Benelli,

sob orientação do Prof. Dr. Geraldo José de Paiva no Curso de Pós-Graduação em Psicologia Social do Instituto de Psicologia da USP, São Paulo, com financiamento da Capes.

SÍLVIO JOSÉ BENELLI

Doutor em Psicologia Social pelo Instituto de Psicologia da USP, São Paulo. Psicólogo. *E-mail*: sjbewelli@yahoo.com.br